



# ESHOJE

# 25

ANOS DE  
ESPÍRITO  
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000  
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 11 de maio de 2026 )) Ano XXV )) Nº 1296  
Edição Gratuita Diário )) [www.eshoje.com.br](http://www.eshoje.com.br)

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

DIVULGAÇÃO

## ARTIGO

Estamos prestes  
a viver um novo  
cara ou coroa eleitoral )) 2



## CULTURA

"Olhares Indígenas"  
abre comemorações  
pelos 491 anos de VV )) 4



DIVULGAÇÃO

# A "revolução" ambiental do sururu no Espírito Santo

A valorização das conchas pode reduzir a extração mineral em pedreiras,  
diminuindo significativamente as emissões de gás carbônico )) 3



ESHOJE

ANTONIO TUCCILIO

# O servidor não deixa o país parar

O Brasil se aproxima do período eleitoral com uma democracia que já não convence boa parte da população, que vê diariamente o noticiário tomado por disputas entre Executivo, Legislativo e Judiciário. Parece que o país parou, e agora só existe essa briga. Está claro que essa disputa serve a qualquer interesse, menos ao do povo.

Juntemos isso à instabilidade global. Vivemos um momento de completa incerteza, onde ninguém sabe o que será o dia depois de amanhã, apenas que provavelmente será mais desafiador do que hoje. E é nesse cenário que entramos nas proximidades da eleição, sem propostas claras, prestes a viver um novo cara ou coroa, decidido por qual

dos lados é o menos rejeitado. Sem projeto de unificação do país, num momento em que o Brasil precisa decidir se se consolida como eterno coadjuvante ou se torna a potência que sua própria natureza exige, especialmente quando todas as nossas riquezas são a chave para o futuro da tecnologia.

Nesse cenário de um país

tão fragmentado, o que nos dá esperança é ver que, apesar das dificuldades, a segurança pública continua protegendo todos os dias. A educação, com todos os seus percalços, continua ensinando todos os dias. A saúde, com toda a sua dificuldade de atender a todos que tanto necessitam dela, também funciona todos os dias. Apesar de tudo, todos os

dias o servidor levanta da cama, enfrenta os desafios que conhecemos, e muitos mais que nem imaginamos, para continuar servindo ao país, para que o povo receba o que é seu por direito. Muitas vezes sem sequer receber o reconhecimento que merecem.

Os servidores, mais uma vez, sustentam sozinhos a estrutura que mantém o país de

pé. E esse esforço contínuo deve nos inspirar a refletir sobre que país nós queremos. O Brasil da disputa política ou o Brasil do trabalho diário, árduo e honesto. Este ano é o momento de tomar essa decisão. A CNSP seguirá na luta pela defesa de um Estado cada vez mais forte e daqueles que tão bravamente decidiram servi-lo.



## Seja no impresso ou no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.

**Certificação Digital credenciada pelo ICP-Brasil**

**Atas, Licença Ambiental, Balanço, Edital e, Atos Oficiais**

Contato: Bianca Coutinho  
bianca@eshoje.com.br



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

**TIRAGEM:** Publicação digital e impressa  
**CIRCULAÇÃO:** Grande Vitória e digital  
**PERIODICIDADE:** Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.  
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110  
Tel. 27 2180-0678  
www.eshoje.com.br  
redacao@eshoje.com.br

**DIRETOR GERAL**  
Carlos Roberto Coutinho  
carlos@eshoje.com.br

**DIRETORA ADMINISTRATIVA**  
Bianca Coutinho  
bianca@eshoje.com.br

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP  
danihcourtinho@eshoje.com.br

**PROJETO GRÁFICO**  
Renon Pena de Sá  
www.ellaform.com.br

**FOTOGRAFIAS**  
Arquivo  
redacao@eshoje.com.br

**DIAGRAMAÇÃO**  
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

**REDAÇÃO**  
Carolina Boueri  
Eduardo Aencar  
Esthefany Mesquita  
Giulia Reis  
Karla Silveira  
Mariana Cicilioti  
Thierry Khalil  
PH Caetano  
Mary Martins

**SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:**

/eshoje

@eshoje

eshoje

eshoje

# O impacto social e a inovação no Mangue Seco

Do passivo ambiental à inovação produtiva: projeto transforma cascas de sururu em renda

ESTHEFANY MESQUITA  
jornalismo@eshoje.com.br

**N**o Mangue Seco, região de Porto Santana, em Cariacica, um problema ambiental virou oportunidade: toneladas de cascas de sururu que antes poluíam o manguezal agora geram renda para marisqueiras e dão origem a um insumo agrícola sustentável.

A mudança começa pela rotina de mulheres como Carla Moraes, de 38 anos, marisqueira há mais de duas décadas. “Comecei cedo e segui na profissão. Hoje vejo esse trabalho de outra forma”, afirma.

A transformação foi impulsionada pelo Projeto Sururu, iniciativa do Instituto Goiamum. Segundo o presidente da instituição, Iberê Sassi, o cenário exigia intervenção imediata: “Esse local é especialmente de mulheres que vivem da cata do sururu. Fomos convidados ao local para propor uma solução à insalubridade do trabalho dessas mulheres, que vivem da cata e da pesca na região. Ao chegar, entendemos que havia um problema urgente relacionado ao descarte irregular das cascas”.

## ECONOMIA CIRCULAR

Com o projeto, as cascas são compradas das marisqueiras e transformadas em corretivo de solo. “O projeto permite uma renda extra para essas mulheres, que antes descartavam as cascas no próprio local onde moram, além de transformar o que era um passivo ambiental em uma solução agroecológica”, explica Sassi.

Atualmente, o projeto retira até dez toneladas por mês de resíduos que iriam para o mangue ou aterros. Além disso, o pó de sururu substitui o calcário de mineração. “Um insumo que, para existir, exige a exploração e degradação da natureza. É muito diferente do que estamos construindo”, define o presidente. O produto está em fase de certificação pela Secretaria de Agricultura do estado.

“O projeto permite uma renda extra para essas mulheres, que antes descartavam as cascas no próprio local”

Iberê Sassi, Instituto Goiamum

Sem o projeto que recolhe e reutiliza as cascas de sururu, elas eram descartadas de forma errada, provocando poluição



## Ciência por trás da Economia Azul

**PARA ENTENDER** por que o pó de sururu é tão eficaz, a ciência explica o diferencial técnico desse material. Vitor L. A. Rodrigues, doutorando em Oceanografia na UFES, esclarece que o descarte irregular em grande volume. “pode introduzir cargas de metais pesados e patógenos bioacumulados nos tecidos dos animais ao longo da vida”.

O especialista detalha que as conchas, ricas em carbonato de cálcio, corrigem a acidez do solo com benefícios extras: “Estudos também relatam outros benefícios indiretos, como o aumento da matéria orgânica no solo, maior disponibilidade de fósforo e aumento dos níveis de oxigênio”.

Além disso, ele aponta que as conchas liberam o carbonato de forma mais lenta que o calcário de rocha, evitando variações bruscas de pH.

A coordenadora nacional de

Economia Azul do Sebrae, Carolina Moraes, destaca que essa é uma tendência global.

“Esse modelo busca justamente transformar passivos ambientais em ativos produtivos, reduzindo desperdícios e gerando valor econômico a partir de recursos que antes eram descartados”.

Ela reforça que, do ponto de vista econômico, “o uso de resíduos como matéria-prima pode reduzir custos de produção, principalmente ao diminuir a dependência de insumos convencionais, como fertilizantes químicos”.

Para Carla Moraes, o impacto é sentido no bolso e na valorização: “O dinheiro que recebe é usado principalmente nas necessidades da casa, como as contas mais comuns. Apesar de ser uma profissão muito trabalhosa, eu e outras colegas marisqueiras percebemos que houve valorização”.



Projeto Sururu criou oportunidades ambientais e financeiras

# VV: arte indígena abre os festejos dos 491 anos

Sônia Guarani e Claudiomiro Guarani apresentam arte ancestral; de pinturas a utensílios

**Redação Multimídia**  
jornalismo@eshoje.com.br

**C**omeça nesta terça-feira (12), uma exposição que visa promover resgate histórico e cultural do Espírito Santo a partir de Vila Velha. Maio o estado e a cidade canela verde celebram a colonização espírito-santense.

Para iniciar os festejos o Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV) recebe os artistas guaranis, da Aldeia Boa Esperança de Santa Cruz, em Aracruz, Sônia Guarani e Claudiomiro Guarani em "Olhares Indígenas". Na exposição eles apresentam sua arte ancestral indígena com de pinturas, esculturas, utensílios, cestaria e artesanato em palha.

O objetivo é revisar a visão histórica europeia da colonização da Capitania do Espírito Santo, com uma visão diferente de contar nossa história. A exposição acontecerá até 26 de junho na galeria do Museu Casa da Memória, na Prainha.

Os artistas têm vasta participação em exposições, eventos e encontros de divulgação e disseminação da arte e da cultura dos povos originários.

No Espírito Santo são mais de 14 mil indígenas, sendo em Santa Cruz, distrito de Aracruz, 12 aldeias indígenas de etnia Guarani e Tupiniquim.

De acordo com o presidente do IHGVV, Luiz Paulo Rangel, o instituto está realizando pesquisas em conjunto com um importante grupo de pesquisadores indianistas, quase todos com DNA indígena, e também com estreito contado com grupos indígenas de Aracruz, para pesquisas e estudos visando a reescrita e aprimora-



DIVULGAÇÃO

**Na exposição "Olhares indígenas" todas as artes, de alguma forma dão uma visão sobre a história do município de Vila Velha**

mento dessa nossa história.

"Segundo vários historiadores, os olhares indígenas sobre a colonização do Brasil representam uma perspectiva fundamental para compreender que os povos nativos não foram apenas "descobertos" ou vítimas passivas, mas agentes ativos e protagonistas em um cenário de complexas interações, conflitos e negociações. Enquanto a narrativa eurocêntrica focou no "descobrimento" e na catequização, a perspectiva indígena relata uma invasão de territórios (Pindorama), desconstruindo o mito da conquista pacífica e enfatizando a resistência contínua", afirmou Rangel.

Ainda segundo o presidente do IHGVV, na exposição "Olha-

res Indígenas" está sendo considerado, de maneira essencial, a perspectiva sob o olhar e sentimentos dos povos originários que aqui estavam e dos negros escravizados que vieram depois. "Ambos fundamentais para a cultura e formação da nossa gente, influenciando costumes, a língua, a alimentação e o desenvolvimento das terras capixabas, do nosso estado do Espírito Santo", destacou.

O evento é feito com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, Funcultura, Secult e apoio da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

#### **A CHEGADA**

A exposição de pinturas e ar-

tes "Olhares Indígenas" será o pontapé dos festejos pelos 491 anos da Colonização espírito-santense e estará aberta à visitação de 12 de maio a 26 de junho, de terça a domingo com entrada gratuita. Também fará parte do evento a releitura do painel em exposição no museu Casa da Memória, "A Chegada", pintura do artista canela-verde Rodolpho Valdetaro, agora com olhares sob o ponto de vista dos povos originários que viviam na região.

Em 23 de maio de 1535 o Donatário Vasco Fernandes Coutinho e sua tropa armada aportou na Prainha e o painel retrata esse momento, quando as botas dos membros da comitiva ficaram cobertas de algas e musgos, dando origem ao ter-

mo "canelas-verdes", nomes associados ao nascidos na cidade de Vila Velha.

"A Chegada" também dá representatividade aos indígenas da tribo Goitacaz e da exuberando mata atlântica, tendo o imponente morro do Mestre Álvaro ao fundo.

#### **Colonização do estado**

O Espírito Santo tem sua origem marcada pela chegada do donatário Vasco Fernandes Coutinho, que desembarcou na capitania em 23 de maio de 1535, na região hoje conhecida como Prainha, em Vila Velha. Na ocasião, por se tratar da oitava de Pentecostes, a nova terra foi batizada de Espírito Santo, em referência à terceira pessoa da Santíssima Trindade.

Com o objetivo de promover a ocupação e o desenvolvimento da capitania, Vasco Coutinho adotou o sistema de sesmarias, dividindo as terras em lotes destinados ao cultivo agrícola. Essas áreas foram distribuídas entre cerca de 60 colonizadores que o acompanharam, incentivando a produção e a fixação da população.

Durante seus 25 anos como donatário, Vasco Coutinho fundou duas vilas, incentivou a construção das primeiras igrejas da capitania, como a Igreja do Rosário, fundada em 1551 e considerada a mais antiga do Brasil em atividade, e a Igreja de São João, ambas em Vila Velha.



Vamos construir juntos os próximos capítulos dessa

**HISTÓRIA?**